

ASTRÉA



ORDO AB CHAO



DEUS MEUMQUE JUS

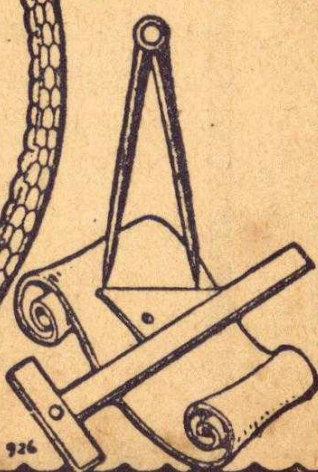
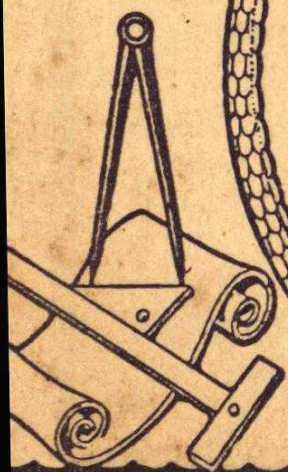
ORGÃO OFFICIAL DO SUPREMO CONSELHO DO BRASIL

ANNO V — N.º 3

MARÇO 1931

SUMMARIO

A Beneficencia Maçonica.. . . .	65
Noticiario.. . . .	69
Pela Maçonaria Brasileira.. . . .	73
O Juramento Maçonico.. . . .	76
Que differença!.. . . .	80
Scenas vergonhosas.. . . .	88
Os Mystérios antigos e a Maçonaria Moderna.. . . .	90



“ASTRÉA”

Esta Revista, de caracter exclusivamente maçonico, será publicada mensalmente.

E' **Orgão Official** do Sob.°. Sup.°. Cons.°. do Gr.°. 33.°. do Rit.°, Esc.°. Ant.°. e Acc.°. para os Estados Unidos do Brasil.

Além da materia propriamente official, publicará esta Revista artigos abrangendo todos os assumptos maçonicos e os que á Maçonaria puderem interessar.

A collaboração é livre para todos os Iir.°, sujeita, porém, ao criterio da direcção.

PREÇO DE ASSIGNATURA

BRASIL:

Anno	20\$000
Numero avulso	2\$000

ESTRANGEIRO:

Anno	30\$000
Numero avulso	3\$000

Collecção completa do 1.°, 2.°, 3.° ou 4.° anno	30\$000
--	---------

P E D I M O S P E R M U T A
W E B E G E X C H A N G E — S E R U E G A C A N J E

Toda correspondencia deve ser dirigida á

CAIXA POSTAL N. 2.486
RIO DE JANEIRO
BRASIL

ASTRÉA

REVISTA DE ESTUDOS MAÇONICOS

Orgão Official do Sob. Sup. Cons. do gr. 33° do Rit. Esc. Ant. e Acc. para os Estados Unidos do Brazil

A Beneficencia Maçonica

A maioria dos homens, e até dos maçons, interpretando mal o espirito da beneficencia maçonica, julga que sua finalidade consiste, unicamente, em meros actos de caridade material.

Si, entretanto, quizermos, estudar os sublimes principios de nossa Ordem, temos que apreciar-os sob a luz das primitivas bases orientadoras de sua acção social.

A caridade material é tida, por muitos, como a essencia unica de nossa Instituição, porque os que assim pensam desconhecem, por completo, o que é a Maçonaria e se esquecem de que, desde que, por entre as agruras do soffrimento e das dores, surgiu o primeiro necessitado a pedir, essa virtude — a caridade — brotou na consciencia humana como sentimento de justiça e de lealdade humanas. Nascida, naturalmente, como obra expontanea do coração, a caridade, cuja acção é unir os destinos dos homens, tornou-se o mais imperioso dos deveres sociaes.

Si, no scenario da vida, os felizes, os que tinham abastança, se occultassem, negando auxilio aos necessitados, aos que nada possuíam, jámais, com certeza, haveria germinado entre os homens a sympathia nem os sagrados sentimentos moraes os ateriam ao seio da familia ou os prenderiam ao patrio torrão.

Os que tinham vieram, carinhosos, em auxilio dos que nada tinham, e firmou-se o equilibrio da sympathia social, confiante e bem-fazeja.

Como, porém, quer nos actos privados quer nos mais elevados da sociedade, para logo surgisse o abuso que invadio o mundo, quebrou-se esse equilibrio e a influencia individual dos maus fez nascer o despotismo social sob cujo influxo surgiram dispaes interpretações sobre a beneficencia e sobre as pretenções mal orientadas dos que têm e dos que não têm, originando-se, assim, não só o direito que cabe a cada um, como as excepções a esse direito, oriundas da acção nefasta dos vicios sociaes.

Nada mais logico, mais natural, e até mesmo moral do que não haver monopolio de tudo quanto possa contribuir para o bem estar de todos e para a felicidade commum, ou que seja preciso para manter e melhorar o patrimonio publico; dahi, ser flagrante violação dos principios da fraternidade humana o não repartir-se, com os que nada possuem, as sobras dos que mais têm.

Essa, porém, não foi a directriz por onde, na marcha accidentada na civilisação, se enveredou o progresso dos espiritos, e, por isso, o direito de communhão ter sido, em sua forma, modificado pelo espirito governamental, forçado a superar as proprias causas que o determinaram.

Si, desde a origem das sociedades, todos os cidadãos procurassem cumprir os seus deveres, trazendo á communhão social o contingente de seu saber, de sua intelligencia e de seus esforços; si, levados pelo amor ao trabalho util e fecundo, todos se unissem pelo desejo generoso, philantropico e patriótico, natural e forçosamente, o direito do necessitado recorrer ao que mais tivesse seria o bello e sacrosanto principio acceto pelos homens, porque todos seriam solidarios e responsaveis pelo equilibrio dos direitos e dos deveres sociaes, e, nas sociedades, assim organisadas, não haveria infelizes, porque todos seriam irmãos que mais se uniriam na adversidade.

Isso, porém, falhou, mesmo nas sociedades mais adeantadas, e o principio da liberdade passou a ser um direito politico.

Incapaz de intervir para melhor moderar as paixões e os vicios de character, o espirito governamental não pode impedir que muitos individuos se arrogassem a competencia de só exercerem seus deveres e seus direitos em seu proprio e unico proveito. Surgio a lei do menor esforço, trazendo, em seu seio, a ganancia dos que julgavam melhor e mais commodo locupletarem-se dos alheios esforços; appareceram, assim, os primeiros preguiçosos, vadios, debochados e velhacos,

cujá unica aspiração social era a exploração das fortunas dos trabalhadores e do patrimonio do Estado.

Em face dessa situação escabrosa, o Estado viu-se obrigado a promulgar leis civis que, derimindo o conflicto dos justos e dos dignos com as pretensões dos ambiciosos insaciaveis, assegurassem o direito de propriedade ao trabalhador honesto que, procurando ter na velhice descanso honroso, cuidava de proteger os seus contra as adversidades do futuro incerto. Si assim não houvesse feito a lei civil, os trabalhadores economicos seriam despojados pelos que eram a escoria da sociedade e pelos que, indolentes e preguiçosos, a deshonravam.

Acceito, como está, o systema social baseado no direito de propriedade e na desigualdade de bens e de fortuna, não se póde negar que, entre os ricos e abastados, ha centenas que não sabem se utilizar da fortuna, e que, entre os que nada têm, muitos são os virtuosos que soffrem calados as agruras da sorte.

Os diversos systemas politicos que pretendem nivelar as condições e as fortunas humanas são, ainda, chimeras politico-philantropicas, porque querem levar os homens do ponto em que estão para o em que deveriam estar em communhão fraternal e intellectual. Isso requer que reformadas sejam, por completo, não só as opiniões, como tambem os usos e os costumes, e, até , soffreada, sinão dominada, seja a natureza humana.

Em todos os tempos e em todos os paizes, neñhum reformador religioso, philosophico ou moralista deixou de pregar aos homens o principio salutar de que a caridade é a mais bella e a mais preciosa das virtudes, nivel carinhoso entre os dois extremos das classes sociaes. Anciosos por incutirem na alma dos povos o imperio absoluto da caridade, Jesus e os padres da primitiva igreja anathematisaram os egoistas, os avarentos e os parasitas. Após todos os pregadores, em todos os seculos e em todos os povos, surgio das esmolos e dos socorros, como um dever social e uma regra de conducta, a beneficencia, em cujo exercicio, ás mais das vezes, predomina, infelizmente, a vaidade. Nas primitivas éras, a caridade não era por imitação, mas por dever prescripto pela religião, pela razão e pela natureza, porque imitar, por vaidade, actos por outrem praticados voluntariamente não constitue merito.

Si a Maçonaria procedesse como simples dama esmoler e hospitaleira, perderia o character de sua especialidade para se confundir,

em seu modo de agir, com outras sociedades. A' Maçonaria compete missão muito mais sublime entre os homens e, por isso, nos podemos considerar os cavalleiros da humanidade, os possuidores da verdadeira luz.

Muito valor se tem dado á nutrição do corpo, desprezando-se a do espirito. Parece que, saciadas as necessidades do corpo, o resto pouco importa! Em muitos templos maçonicos esta é, infelizmente, a acção maçonica, que se limita a um viver puramente administrativo, material, reduzido a uma conta corrente mensal, deixados, porém, no olvido, a chave dos signaes, a significação dos symbolos e o sentido moral da iniciação, que só valem quando fortalecidos pelo dogma e pela doutrina, fonte de tudo que é nobre e puro entre nós.

Do dogma provem a fé inspiradora de grandes coragens, de grandes devotamentos, dando aos verdadeiros adeptos o genio da sabedoria e o esplendor da virtude. Faz apóstolos capazes de esclarecerem os povos e destruir a ignorancia e os vicios que avassalam o espirito e abastardam o coração. A doutrina não applica-se ao aperfeiçoamento do corpo, mas ao da alma, afim de tornar os homens grandes e fortes pelas virtudes e pelos sentimentos, sem as vaidades das qualidades e das vantagens physicas.

A pedra angular do edificio, o apoio philosophico e religioso do systema social maçonico assenta na doutrina e na fé.

A educação maçonica e a theoria da sciencia cream verdadeiros maçons quando alicerçadas, inteiramente, no espirito e no principio do dogma e na crença que elle consagra.

Em substituição ao systema banal de philantropia que ainda impera entre muitos maçons e Lojas, se deveria retomar o elemento doutrinario, raios luminosos que tornam a verdade mais expressiva e mais scintillante aos olhos de todos, fazendo-a amada por fortes e fracos, por grandes e pequenos.

A indifferença de muitos maçons que abandonam a convivencia dos templos é devida, certamente, ao se haverem muitos irmãos se esquecido de tudo quanto dá e deu origem pura á nossa Instituição. Não é que esses maçons julguem a Maçonaria má, nem porque a julguem desprovida de elementos moral e religioso, mas pura e simplesmente porque não a praticam como deveriam fazel-o — sem confundir a sua acção benemerita com essa philantropia de ostentação e de egoismo tão caracteristica dos costumes profanos. — T.

NOTICIARIO

YUGO-SLAVIA

Na Gr. Loj. da Yugo-Slavia, o Ir. Professor Celikovic de Esseg fez uma conferencia historica sobre a Maçonaria, tendo sido grande o auditorio, em cujo numero figuraram tres frades franciscanos. Logo em começo, o conferencista foi interrompido por um desses franciscanos — o frade Harapin — que, de pé e mãos furiosamente erguidas contra o Professor Celikovic, gritava *não consentir que se continuasse a fallar sobre Maçonaria*.

Como era de esperar, a assistencia, em attitude energica e por entre gritos de “fóra”, quiz aggreir o insolente, que oppoz feroz resistencia á sua retirada. Ante a obstinação do frade, foram chamados dous guardas civis e, immediatamnete, o franciscano foi posto na rua.

O que mais nos admira, em toda essa perturbação, não é a ferocidade do frade Harapin, mas, simplesmente a attitude assumida pelos outros franciscanos que, ao em vez de correrem em auxilio de seu collega e de juntarem seus protestos aos delle, ficaram muito quietos em seus logares e, passado o incidente, ouviram, até o fim, a conferencia cujo exito foi esplendido.

RUMANIA

Grupos de membros da “Liga de Patriotas”, organização anti-semitica, anti-maçonica e essencialmente fascista, assaltou a séde da Gr. Loj. da Rumania, forçando as portas e perturbando os trabalhos e ameaçando, revolveres em punho, a todos os Maçons presentes. Todos os documentos que lhes cahiram nas mãos foram destruidos. Deante desse insolito proceder, as demais Lojas rumenas receiam receber visitas igualmente vandalicas.

Bellezas dos aliados do Vaticano que, não contentes com as tyranicas perseguições individuaes, pretendem levar a ferro e fogo, além das fronteiras italianas, os fructos da tão proclamada civilização do “Duce”.

A este respeito, convem chamarmos a atenção de todos os Corpos Subordinados ao Sup.º. Cons.º. e das LLoj.º. obedientes ás GGr.º. LLoj.º. do Brasil, sobre a actual actividade fascista contra a Maçonaria regular.

As chancellarias fascistas, principalmente as dos paizes do Mediterraneo, vivem em esforçada actividade no cumprimento das instrucções recebidas do “Duce”, servindo-se de todos os meios de corrupção para que, nas Lojas e Corpos regulares da Maçonaria latina, sejam recebidos seus agentes, cujo maximo intuito é quebrar, pela discordia, a unidade e asphyxiar o espirito maçonico da Ordem.

Si poderosos são os recursos de que dispõem os fascistas para a perversa realisação de seus desejos, temos a convicção de que a Maçonaria saberá, na nobre e sublime missão que lhe está confiada, repellir semelhantes processos de seducção, denunciando a todas as Potencias Maçonicas regulares todos aquelles que, infeccionados dessa deslealdade, se tornarem falsos, e, portanto, indignos maçons.

Astréa chama, pois, a atenção de todos os Maçons brasileiros, lembrando-lhes que, mais do que nunca, tomem todas as precauções na admissão de membros de origem italiana e, sempre vigilantes, não trepidem em irradiar de seus quadros os elementos funestos á paz e á harmonia da Familia Maçonica brasileira e das cordiaes e necessarias relações fraternas com as Potencias maçonicas do mundo.

ITALIA

Em Florença, está em organisação, si é que já não passou á realidade, o Grande Oriente Italião que nada mais é que uma Obediencia maçonico-fascista, cuja actividade ultrapassou as fronteiras italianas para organizar Lojas em outros paizes, onde profanos, principalmente os elementos politicos refugiados, vão, de bôa fé, cahindo-lhes nas malhas e nas manhas. A pequena differença do nome poderá, tambem, e muito facilmente, enganar aos maçons pouco informados e dar causa a que se confundam os diplomas expedidos pelo antigo GRANDE ORIENTE DE ITALIA — com os do *novo* — Grande Oriente Italiano.

Esta noticia tem corrido o mundo, sendo, em alguns paizes, acolhida com incredulidade, visto, dizem, ser inconcebivel a fundação de uma *Maçonaria* fascista porque o “Duce”, quando da reunião dos

Estados Geraes Fascistas no Palacio de Veneza, em Roma, declarára que, entre os partidos que mais haviam hostilizado o Tratado de La-trão, estava o Maçonico que almejava eternisar o conflicto, e, assim, “é pueril imaginar que o governo fascista visse com satisfação a criação, na Italia, de uma Maçonaria para melhor combater o clericalismo.”

Seja qual fôr a realidade da situação, o que compete ás Organizações Maçonicas brasileiras é muita prudencia e muita vigilancia e, principalmente, que não se esqueçam de que não existe, actualmente, no Reino da Italia, uma Potencia Maçonica em regular actividade, pois, perseguida como é, a verdadeira Maçonaria trabalha, na Italia, secretamente, e com todas as precauções necessarias á garantia de liberdade individual de seus Membros.

URUGUAY

A Maçonaria do Uruguay, apesar de ter sido installada em 1828, somente, em 1930, foi reconhecida pela Gr.°. Loj.°. de Pennsylvania.

O primeiro Gr.°. Mestr.°. e Gr.°. Comm.°. da Maçonaria do Uruguay foi o nosso M.°. Ill.°. Ir.°. Gabriel Pérez.

GREGIA

Falleceu o M.°. Ill.°. Ir.°. Spiridion Aravantinos, 33º, Membro Effectivo do Sup.°. Cons.°. para a Grecia, o qual, embora na idade de 70 annos, ainda se mantinha em plena actividade.

Rubens J. Dorne

Pela Maçonaria Brasileira

IR.: ERNESTO SEGURA HERRERA

Em serviço de sua profissão, seguiu para a America do Norte o nosso illustre e querido Ir.: Ernesto Segura Herrera, um dos mais esforçados membros da Gr.: Loj.: do Rio de Janeiro, da qual é o 1º Gr.: Vig.:.

Espirito fortemente orientado pelas doutrinas maçonicas, o Ir.: Herrera tornou-se merecedor de todas as boas sympathias de seus irmãos, pois, sobre ser possuidor de esmerada educação e de profundos conhecimentos das cousas de nossa Ordem, foi um dos valentes campeões dentre os mais dedicados obreiros, daquelles que jámais esmoreceram na luta, porque a animar-lhes vivida foi sempre a fé ardente e confiante na victoria da justa causa da regeneração maçonica no Brasil.

Desde que ingressou em nossas fileiras, como Membro da Loj.: "*Silencio*" nº 1, ao Or.: do Districto Federal, o Ir.: Herrera vem trabalhando, com afinco, em vigorosa acção continua, cheia de exemplos e coordenada por perfeitas e seguras directrizes.

Quando, ha mais ou menos tres mezes, um grupo de maçons, desvairados pela idéa fixa de que, sem o reconhecimento de determinada Grande Loja do Continente europeu, não póde haver Maçonaria regular em nenhum paiz, tentou, em repugnante traição, qual a de, nas trevas de vergonhosas combinações e de tristes mentiras, arrancar a Loj.: "*Silencio*" de sua regularidade para escravisal-a ao Gr.: Or.: do Brasil, o Ir.: Herrera foi, com os I Ir.: Fernando Muller, Jorge Walkiers, Julius Balthazar, Jacob Boesch, Luiz Anet e outros, um dos melhores soldados a rechassar os botes desses irmãos transviados, e a Loj.: "*Silencio*" ficou onde deveria continuar — na Obediencia da Gr.: Loj.: do Rio de Janeiro.

Em suas ultimas viagens pelo continente americano, o Ir.: Herrera, com sua palavra ungida de sinceridade e de fé, muito concorreu para o estreitar de laços de amizade com varias GGr.: LLoj.:. Agora, como de outras vezes, viaja como Delegado Especial da Gr.: Loj.:.

do Rio de Janeiro junto ás Potencias Symbolicas do norte e centro da America.

Para demonstrar-lhe o quanto cordialmente o estimam e o quanto sentem a sua separação, obrigada pelos trabalhos profanos, a Loj.:. "Silencio" prestou-lhe significativa homenagem, em loja aberta, seguida de intimo agape.

Interpretando os sentimentos dos IIr.:. da Loj.:. "Silencio", ao offerecer-lhe um symbolico mimo, fallou o Ir.:. *Trajano*, cujos conceitos, intensamente applaudidos por todos, foram concretisados no seguinte discurso:

Ir.:. Herrera,

Quizeram os IIr.:. de nossa querida Loja Silencio render-te uma homenagem que traduzisse, embora pallidamente, o quanto de amizade e de consideração te votam, e, em um requinte de fraternal união, ordenaram que fosse eu o interprete de nossos sentimentos.

Satisfeito acceitei a missão tanto mais alegre quanto, para della me desobrigar, não preciso buscar "estyllo grandiloquo eloquente" nem tecer as phrases com flores de poeticas imaginações, por isso que me basta fallar a vóz dos sentimentos de sympathia que, ha muito, a ti me unem.

A esse desejo, ao desejo de uma manifestação em que impere, unicamente, a amizade fraternal, escolhendo-me, como fizeram, procuraram elles, estou certo, uma representação symbolica dos laços que te prendem a nós e ao paiz em que vives.

Quizeram que fosse um brasileiro, entre tantos illustres IIr.:. de varios paizes, que, nesta Loja, te fallasse, porque elles querem traduzir, tambem, que, neste Templo e no sólo abençoado do Brasil, foste tu, Herrera, um verdadeiro Maçon que, sem preocupações de fronteiras e de raças, trabalhou, e trabalhou muito, para que consolidadas fossem as bases em que os batalhadores de 1921-1927 assentaram os alicerces da regeneração maçonica no Brasil. E eu que fui, orgulho-me de lembrar, o installador desta laboriosa officina em cuja tenda se procura levantar bem alto os fóros da Maçonaria; eu que fui e sou, embora pequenino, um dos responsaveis pela atti-

tude que assumimos, perante o mundo maçónico, de conduzir o ramo brasileiro da Família Maçónica Universal pela estrada luminosa e encantadora da verdadeira pratica dos sãos principios de nossa Sublime Ordem, eu, Herrera, conheço perfeitamente o valor moral, os esforços, a dedicação e a sinceridade de todos os que têm cooperado para a victoria completa de nossos ideaes. E, por isso, sem medo de ferir a quem quer que seja, sem desmerecer o valor de quantos têm sabido ser soldados da pura Maçonaria, digo-te: Tu, Herrera, foste um dos mais valentes, um dos mais sinceros, um dos mais dedicados e esforçados batalhadores que, sem medo nem odios, mas crentes e fervorosos, se collocaram sob a orientação do grande Mestre, do intrepido Maçon, o Ir.: Mario Behring. E, sem olhar sacrificios, sem medir contrariedades, cheio, porém, de fé, dessa fé que anima aos que trabalham com o unico interesse de bem servir á causa maçónica, tu, Herrera, foste um exemplo vivo de verdadeiro Maçon.

Dizer que foste e és um bom Maçon bastaria para dizer o que és como amigo, como irmão, como pae e como esposo, porque só se póde ser bom Maçon quando se pratica, no mundo profano, todas as virtudes civicas ensinadas pela Maçonaria.

Irmão, és exemplar obreiro no desbastar da pedra bruta, sempre obediente ás leis e ás regras que regem os planos de construcção de nosso Templo espiritual; amigo, és a dedicação unida á sinceridade; pae, és o carinho intenso dominado pela grande preocupação da felicidade de teus filhos, sob a égide da sã moral; esposo, amado e amante, és, permitta-me dizer, o eterno namorado das bellezas moraes de tua Esposa; és o meigo dedilhador das cavatinas do amor candido, primeiro dominador dos corações sinceros.

Em todas as manifestações de tua actividade, aqui e no mundo profano, tua alma vibra com a intensidade do sol que te viu nascer, deste sól que, brilhando no céu encantador da America, illumina e fertilisa a terra em que estamos e que é o berço de teus filhos, tanto quanto, creio não me enganar, é a que tu e tua Esposa escolheram, como irmã da tua, para

que ambos se sentissem tão bem como se estivessem na patria guatemalense.

Lá no norte de nosso continente, nesses Estados Unidos que são o emporio do trabalho, do progresso e de todas as realizações humanitarias, lá estarás cercado, sempre, de nossos pensamentos, cuja unica preocupação para contigo é que sejas, como os teus e com os teus, muito feliz; que progridas, como mereces, no exito de teu trabalho honrado e persistente, e que, gozando perfeita saude, não te esqueças desta terra e desta gente, desta Gr.°. Loj.°. e desta Loj.°, de teus amigos e de nós, porque, fica certo, os braços que, hoje, te apertam, em dorida despedida, ficam abertos para, em breve, te receberem e unirem aos nossos corações.

Recebe, pois, este mimo, pequenino na apparencia material, mas que, simbolicamente, te lembrará a grande Taça da Fraternidade, onde nossos labios de crentes e de Maçons aspiram e transmittem os effluvios das almas sinceras a fortalecer, para todo o sempre, a immensa e poderosa cadêa do amor fraternal e da paz universal, que já une e unirá ainda mais, no mundo, todos os homens de bôa vontade.

Sê feliz e volta em breve são os votos cordiaes de teus Irmãos e amigos.

*

*

*

Ao seu embarque, realisado no dia 18 do corrente mez, á bordo do "American Legion", compareceram, além de crescido numero de amigos da Familia, todos os Membros da Loj.°. "Silencio" e uma Commissão da Gr.°. Loj.°. do Rio de Janeiro, aos quaes foi, pelo Ir.°. Herrera e sua distincta Esposa, dispensado fidalgo acolhimento.



O JURAMENTO MAÇONICO

(*Ir. P. H. HERNANDEZ — Rev. "Perseverança" de Havana*)

Jurar é tomar a Deus ou a uma de suas criaturas por testemunha de alguma coisa que se sente; em Loja é a profissão de fé ao ingressar na Ordem. O juramento é o laço final que une o candidato á Fraternidade; é a chave que penetra na fechadura e a fecha para sempre; é a resolução espiritual que não póde ser revogada; é a prova do valor moral do individuo e o selo de sua honra.

Para isso, é indispensavel que o desenvolvimento intellectual e moral do candidato se tenha completado. Para que o juramento seja verdadeiramente firme, o candidato deve ter perfeita intuição "de que a humanidade é a mais alta manifestação da Deidade Invisível e cada homem uma representação divina e, quando o sentido da responsabilidade pessoal seja elevado, de que o perjuro seja considerado como a maior offensa a si proprio e á humanidade". Ser Maçon é, realmente, de maior prestigio do que muita gente suppõe. O Maçon representa um individuo desenvolvido moral e espiritualmente; o juramento maçónico é valido porque quem o presta póde, mesmo que não jure, cumprir solememente a promessa de honra; no Maçon, o juramento é natural, tranquillo e sereno, porque para ser verdadeiramente maçõn é preciso sel-o antes do juramento, antes de penetrar no Templo. O juramento se converte, então, na acceitação pessoal e incondicional de ser um se-meador de luz, um dispensador de bondade e orientador da força

O juramento existe, em potencia, antes de se o prestar; é a synthese da honra individual; se o exige, porque se julga o aspirante sufficientemente digno de prestal-o; em vez de trazer algo do candidato para a Fraternidade, é, na realidade, o peso honroso, antigo e valoroso da Fraternidade Maçonica gravitando sobre o candidato. O juramento é, pois, uma prova de confiança e o candidato ha de pesar as qualidades que necessita para cumpril-o e a responsabilidade que elle lhe acarreta.

Para os Maçons, o juramento reflecte dois aspectos do candidato: a honra e o dever. O Maçon, jámais, perderá de vista estes dois

pharóes, porque ser-lhe-ia inevitavel naufragio; o Maçon que se esquece da honra e do dever viola seu juramento e está perdido, afunda-se no mar da deshonra e morre, sem ser chorado, esquecido.

Violar o juramento é a mais baixa degradação a que póde chegar um irmão; com o juramento se empenhou a honra, que é uma das qualidades do espirito; violar o juramento é um attentado contra si proprio, equivale a renegar alguma cousa de sua propria alma.

Os antigos conheciam o perjurio e suas consequencias. Conta Hiparco que, em seu tempo, a vergonha e a degradação que acompanhavam á violação de um juramento eram tamanhas, que o perjuro, em loucura e em desespero, cortava o pescoço com suas proprias mãos; sua memoria era inteiramente esquecida depois de seu corpo, abandonado na Ilha de Sanos, ter tido por tumba unicamente as areias do mar.

A maior das desgraças que póde sobrevir a um Irmão é o violar o juramento; além de ter o desprezo dos irmãos, o que já é bastante para tornar-lhe insupportavel a vida em commum, acaba por desprezar-se a si proprio como indigno e como covarde. No ultimo extremo, o unico valor de um homem é a honra, que ninguem pode roubar-lhe; a honra é a base de todo valor e de toda riqueza. Aquelle que ainda conservar a honra não é pobre; a honra sem riqueza material é valiosa; a riqueza sem a honra é nulla, menos que nulla, é desditosa. Para o verdadeiro Maçon a mais pequenina macula em sua honra é como si fosse uma chaga; para elle, a maior paixão sentida deve ser a honra e, por isso, deve buscal-a e conserval-a como effeito de duas cousas — a pureza e a verdade. O Maçon que, por infelicidade, chega a faltar ao juramento dado se alheia de tudo que dá alegria e vida á alma; morre, vïctima de si mesmo.

Na Maçonaria, ha fortes razões para ser exigido o cumprimento do juramento; elle encerra um modelo de perfeição que approxima o homem do G.°. A.°. D.°. U.°.; é, em si, um educador e, tambem, como que um calibrador do character e da alma. Si todos os Maçons tivessem plena consciencia do valor e do alcance do juramento prestado, e, si todo Mestre Maçon cumprisse, fielmente, o juramento, tanto na letra como no espirito, o nosso mundo não tardaria em transformar-se num céu.

A discreção faz parte do juramento maçõnico; é companheiro do valor; sem um, o outro é impossivel. Dizia Junius que um povo

que começa pela discreção termina pela lei, pela liberdade e pela segurança. Na vida moderna a discreção é a mais util qualidade para subir; os que a possuem são superiores; o juramento ensina a adquirir-a, si ainda não a possui. Os Membros de uma Loja devem distinguir-se por sua discreção; isso indica confiança e superioridade; uma Loja, em que tudo que se falle e se trate seja tido como sagrado e secreto pelos irmãos, progride, porque começa se dando valor a si mesma. A indiscreção dos Irmãos é uma ferida pela qual se exangue a Loja, talvez, até a morte.

Mencionarei um exemplo, muito notavel na historia, que dá idéa do que é valor e discreção. Quando Dionysio tyrannisava em Siracusa, viviam, nesta cidade, muitos sectarios de Pythagoras que repelliam a amisade de Dionysio por aquelle detestar a tyrannia. Os pythagorianos tinham por habito transladarem-se de um a outro sitio, em differentes épocas do anno, e sempre andavam juntos. O tyranno enviou tropas para surpreendel-os nessas viagens e obter seus segredos. Achando-se reunidos em certo lugar, foram surpreendidos treze pythagorianos por cincoenta soldados; aquelles, a principio fugiram, mas, logo, fizeram frente aos soldados e todos morreram, á excepção de dois — um casal — elle Myllias e ella Timica, esta grávida de seis mezes. Os soldados levaram-nos á presença de Dionysio, que tentou obrigar-os a revelarem seus segredos; o esposo morreu sem nada revelar. O tyranno pensou que possivel seria obter os segredos torturando a esposa que, no estado em que se encontrava e separada do marido, seria a isso forçada. Então, a mulher heroica cortou, com os dentes, a lingua em dois pedaços e cuspiu-a nas faces do tyranno, demonstrando-lhe que, si, por ser mulher, os tormentos poderiam obrigar-a a dizer o que devia calar, ella cortava o órgão que poderia compromettel-a.

O juramento do Maçon é a prova mais sincera de confiança, porque nelle se acredita pelo valor e pela honra do candidato ao empenhar sua palavra. A solemnidade do juramento é uma recordação vinda da Edade Media, quando se ensinava ao candidato verdades referentes á vida interior e á natureza do homem, por causa de cujos ensinamentos muitos foram queimados vivos pela igreja romana. Isto tornava o segredo ainda mais necessario, pois, si um só homem revelasse alguma coisa, a Loja inteira ficaria sujeita a processo juridico e á pena de morte.

O segredo existe porque é uma maneira de aperfeiçoamento, sendo uma lição constante ao dominio da palavra. Se exige o segredo e o silencio, imitando, assim, a natureza, cujas leis de belleza, de harmonia e de força nascem no mysterio e no silencio; ninguém sente florescer a arvore; a natureza é um laboratorio onde impera o silencio; a obra divina é secreta e silenciosa; ninguém pôde, entretanto, negar a belleza e a harmonia da natureza. E assim, a Fraternidade Maçonica celebra seus actos em meio do mais profundo silencio e discreção; é no silencio que o homem sente a Divindade.

Essa discreção, exigida dos Irmãos, é a mais rara virtude, porque preserva, em toda a sua louçania e pureza, os grandes ensinamentos da Ordem, os quaes devem, unicamente, ser ministrados em segredo aos iniciados.

Os proprios trabalhos da Loja tornam-se mais importantes devido ao silencio. Apesar, porém, do segredo e do silencio em que trabalham os Maçons, como que para reconcentrar forças e energias, em todos os tempos se tem saboreado os fructos de nossa Fraternidade; em todos os lugares se reflecte o effeito da actividade dos Irmãos, como si o pertencer á Fraternidade fosse estar na posse do segredo da força e da sabedoria. O juramento que o candidato presta deve ser-lhe sagrado; por meio d'elle, se converte em élo que une e fortalece a cadêa universal de amor e de força; transforma-se em um raio de luz que illumina e salva; por elle, faz parte da nobre e generosa instituição, impulsionadora das nações, berço da liberdade, mãe da sciencia, fonte do amor, symbolo da pureza, lei de Deus.

Sejamos dignos de tal Ordem: cumpramos o nosso juramento.

Rubens J. Dorne



QUE DIFFERENÇA!

No Collegio de S. Ignacio de Valkenbourg, falleceu, no dia 8 de Maio do anno passado, Herman Gruber, Padre jesuita, um dos mais encarniçados inimigos da Maçonaria.

Possuidor de uma vasta bibliotheca, com assombroso numero de revistas, jornaes e livros maçonicos, muitos dos quaes enviados pelas proprias organizações de nossa Fraternidade, poude Gruber fazer profundo estudo sobre nossa Ordem.

Nos tempos em que o espirito aventureiro de Léo Taxil impressionava a Maçons e a catholicos com suas *blagues* de pseudo-catholico, o Padre Gruber foi um dos que, de bôa fé, deixou-se seduzir pelos cantos da sereia, mas, justiça se lhe faça, foi o primeiro a levantar a grita contra o impostor, quando teve a certeza de seus engodos e viu a necessidade de desmascaral-o.

Não só no caso Taxil, como em quasi todos os em que se envolveu para desfechar seus golpes contra a Maçonaria, Gruber procurou ser sincero e, por isso mesmo, combatendo a Maçonaria por todos os meios possiveis, mostrou, em seus ataques, o desejo firme de, com sinceridade, procurar a verdade. Dahi, desse proceder, aliás nunca imitado por seus collegas, mereceu ser considerado pelos maçons como o mais *preeminente inimigo*.

Tolerante, como nos manda ser a Maçonaria, respeitadores profundos das idéas alheias, mesmo quando contrarias ás nossas, não podemos deixar de render á memoria desse nosso famoso inimigo respeitoso preito de consideração porque elle foi um inimigo que soube terçar as armas da palavra com sinceridade e muita nobreza.

Si os seus collegas, esses pequeninos nadas nos conhecimentos maçonicos, grandes, porém, na ignorancia e no odio ferrenho, o imitassem, nos sentiriamos felizes de sustentar elevadas discussões. Infelizmente, assim não se dá e, principalmente no Brasil, padres vivem a explorar a ignorancia popular e, por entre as mais desconcertadas diatribes contra nós, passam a vida a crear mentiras, a deturpar a verdade, tudo em proveito proprio, em pról de uma fingida santidade.

Entre os milhares de invencionices dos padres, uma deve ser salientada por partir de um Bispo — o de Arassuahy (Minas Geraes), que, sahindo de seus cuidados de *pastor das almas* e esquecido de que as vestes sacerdotaes devem, primeiro, ser honradas por quem as entrega, pegou da penna para escrever estas idiotices:

Carta aberta ao Redactor da "Familia"

Snr. Redactor,

Laudemur Jesus Christus.

Desejo estar enganado, mas penso não foi filho de madura reflexão o appello a mim dirigido pela "Familia" em seu numero 497, a proposito da lucta iniciada contra a Loja maçonica ahi, em Theophilo Ottoni, recentemente fundada.

Em todo caso o appello está feito, e tanta é a consideração em que tenho o jornal, que não me parece desacerto responder.

Mas, bispo de diocese, brasileiro e patriota, que outra resposta poderei dar senão a que segue?

Sociedade condemnada pela Igreja e que procura arrastar o Brasil para o abysmo a que deu o glorioso Portugal, terá a Maçonaria, em Theophilo Ottoni, manejado suas prediletas armas — a mentira e a hypocrisia.

Catholicos incautos illudidos em sua bôa fé, mais por espirito de vaidade do que pelo de revolta, terão cahido nas malhas da *diabolica seita*.

Urge libertal-os, urge impedir novas diserções.

Portanto, Sr. Redactor, em *linguagem digna*, mas energica e desassombrada, *guerra sem treguas á Maçonaria!* guerra sem treguas á Loja maçonica de Theophilo Ottoni.

E para tão santo combate uma *benção especial do servo em Jesus*.

(a) *Seraphim*, Bispo de Arassuahy

Transcrevendo, na integra, esta celeberrima missiva, onde muitas palavras de maligno intuito foram por nós griphadas, temos em mira mostrar aos brasileiros qual a norma seguida por esses desleaes

inimigos da Maçonaria. Incapazes de, com viseira erguida, nos combaterem, com sinceridade, com conhecimento profundo dos principios e da moral de nossa Instituição, limitam-se a lançar quixotescas imprecações, dedilhadas na mesma eterna tecla — *a Igreja condemna a Maçonaria* — e, sem corarem da mentira atroz que lhes deve ferrotear a consciencia e lhes queimar as faces, proclamam a Maçonaria preocupada *com a ruina do Brasil*, a manejar as armas da *mentira* e da *hypocrisia!*

Esse Bispo não estava em seu perfeito juizo quando tal escreveu. Si tivesse reflectido, si tivesse, ao menos, uma parcella de bom senso, teria vergonha de pegar da penna para lançar aos quatro ventos uma carta tão repleta de sacerdotaes mentiras...

Somos os cavadores da ruina do Brasil, porque queremos que o povo pense, medite, tenha opinião para commungar nos interesses vitaes do paiz, sem as peias nefandas dos *autos de fé* da Santa Inquisição!

Somos merecedores do exterminio catholico, porque queremos as consciencias libertas das garras aduncas do clericalismo, avido, agora, de querer, da casual apparição do Cardeal Lemos nos precalços da prisão do Presidente Washington Luis, tirar todo o partido para a volta da religião de Estado, para a proclamação da futura Constituição em nome de seu Deus, para, emfim, armarem ás redes em que, nas senzalas clericas, serão escravizadas as consciencias.

Como, porém, é uma extravagancia ter a pretensão de obrigar todos os cidadãos a terem a mesma crença religiosa ou politica do governo, maior despauterio é, e será sempre, qualquer povo se subordinar, obrigado, ás crenças religiosas de uma determinada seita.

No Brasil todas as questões religiosas, principalmente a celebre chamada dos Bispos, têm tido solução branda, como pacificas têm sido as justas revoltas contra o clero. E, si no tempo em que a um rei não era admissivel, entre nós, o se arrogar elle em arbitro impositor de suas doutrinas em materia puramente espiritual, muito menos o será, hoje, quando a maioria da nação, liberta já dos encarniçados ultramontanos, se pronunciou pelo lado da razão e da justiça: *a Igreja livre no Estado livre.*

Não é, absolutamente, possivel nivelar a mediocridade espiritual dos antigos reis de França, Portugal e Hespanha, cegos obedientes da curia romana, crentes de que dahi lhes vinha, por emanção

divina, o poder que os mantinha á frente de seus povos, com o espirito liberto e liberal que predomina nos governos actuaes da grande maioria dos paizes civilisados. Hoje, não mais se poderá exigir, em nome da fé catholica ou em holocausto a seu clero, que os dirigentes das nações subscrevam, de cruz, as exigencias da Santa Sé. A liberdade de consciencia faz parte dos codigos de quasi todas as nações e, assim, não mais se levantarão exercitos nem tribunaes para, premeditadamente, perseguirem e queimarem os chamados hereges. Nas florestas e nas cidades da America, nenhum Papa encontrará, como Pio V, e Gregorio XII, outros Carlos IX e outras Catharinas de Medicis para que lhes permittam intenso regosijo com horrorosas noites de S. Bartholomeu nem com a hecatombe de cincoenta mil protestantes, porque o sol da liberdade esplendorosamente brilha no horisonte, inundando, com seus efluvios de luz, todas as consciencias livres.

O dominio absoluto do Papado, imposto pelas mais perigosas armas da ameaça e das excommunhões, carcomiu-se ante os formidaveis embates do tempo e da civilisação.

O Christianismo não póde mais servir de arma de vingança, porque é e deve continuar a ser a religião da paz e do amor. Voltem os levitas do Senhor a pregar aos povos as grandes verdades dos Evangelhos, e, das paginas inspiradas desse codigo da humanidade, tirem luzes para pregarem o dogma da unidade de Deus e firmarem o dogma principal da historia moderna, que proclamou o principio da igualdade, geradora de todas as idéas politicas e da liberdade de consciencia, de onde nasceu o credo da democracia moderna: *a separação da igreja do Estado.*

Não será na exigencia absurda das ceremonias da benção de espadas dos jovens officiaes de nosso Exercito que, abusando-se da crença desses moços, alegres e descuidados ao termino de seus estudos escolares, se fará sahir das bainhas essas armas, confiadas pelo Governo á honra nacional, com o fim de "*defender... a Religião Catholica Apostolica Romana a que me orgulho de pertencer.*" (1)

As religiões são dadas dos successos historicos e nunca da verdadeira verdade, pois esta é uma só e não póde produzir modali-

(1) Do juramento prestado pelos Officiaes de nosso Exercito na benção de suas espadas, na Igreja Catholica Apostolica Romana.

dades de religiões, seitas deturpadoras dos sãos principios das doutrinas codificadas e ensinadas por Christo.

E a igreja romana, em vez de confessar a realidade dos factos e o valor das varias religiões, quer continuar a dominar os governos e, como attesta a historia, pretende continuar a ser-lhes a inimiga, hypocrita e terrivel, não contente de viver somente do poder espiritual, que ninguem lhe contesta. Não se contenta com *tão pouca cousa*, quer, não o manto de Christo, mas a purpura de Cesar; não a pobreza evangelica, mas o luxo do Oriente; não a humildade propria dos ministros de todas as religiões, mas o orgulho que avilta até os homens mundanos.

A "*revolução politica*", que nos salvou dos desmandos de maus governos, não póde, absolutamente, dar as mãos á "*reacção religiosa*", porque não póde e nem deve, á luz radiante do seculo, conspirar contra as conquistas liberaes dos nossos primeiros legisladores republicanos.

Não vivemos sob o guante aniquilador de Mussoline, vivemos em uma patria em que todos respiram o ar confortante de todas as liberdades.

Porque o clero que, no Brasil, goza da mais ampla e completa liberdade de acção espiritual, ao em vez de andar a repetir as idiotices do Bispo de Arassuahy contra a Maçonaria, não segue, in totum, o que aos padres de seus tempos disse o Abbade Lamennais?

"Si amais verdadeiramente a Christo e a sua doutrina, deixai tudo para seguil-o. Como quereis annunciar aos outros homens a independencia do mundo, o desinteresse das riquezas, o amor da cruz, si vós mesmos defendeis a congrua que o Estado vos paga e as vantagens que elle vos concede? Não precisaes das honras e das dignidades da ordem temporal.

Abandonai essas cadêas doiradas com que se carregam as vossas vaidades seduzidas, esses favores aviltantes aos quaes vendeis a alma.

Apostolos do Carpinteiro, retemperai-vos nessa pobreza fecunda que regenerou o universo, ha dezoito seculos.

Dizei-me: tomais, acaso, Deus por um avaro ou por um ladrão, para que julgueis ser-lhe agradaveis accumulando o ouro em vossos templos, casas e sachristias?"

Dizem os padres que o Brasil é eminentemente catholico. Que o seja e continue a sel-o, mas, pelo amor de Deus, no exercicio de seu direito de crença, convenham, cumpram todos os catholicos o dever de não perturbar a *minoría* (?) na fé que a guia nos tormentos e nas alegrias da vida.

Ninguem ha de ser catholico, christão, mahometano ou buddhista por força da vontade da *maioria*, porque a consciencia dos homens não se mercadeja no balcão administrativo nem está sujeita a *maiorias* religiosas nem a determinações dos governos.

E' acto entre o individuo e seu Deus, jámais *ad referendum* de qualquer poder espirital ou temporal. Não é, pois, negocio de *maiorias* nem de *minorias*. Os de outras crenças religiosas não se preocupam, no Brasil, com o exercicio das alheias crenças; vivem satisfeitos em que todos pratiquem um acto de méra consciencia. Só quem deseja dominar pela brutalidade do phanatismo é que se encommoda com a existencia de *minorias* heterodoxas, ou contrarias á sua fé, e, neste caso, é unicamente o Vaticano.

Nós Maçons jámais pretendemos o dominio sobre homens. Entre nós só vivem os que assim quizerem, livre e expontaneamente, contanto que, dentro dessa liberdade, sejam livres e de bons costumes, amem aos outros como irmãos e respeitem não só os governos como as opiniões alheias. Em politica damos a mais ampla liberdade e, sobre religião, apenas exigimos a crença em um PRINCIPIO CREADOR, ao qual, em respeito a todas as seitas, chamamos o *Grande Architecto do Universo*.

E assim procedemos porque, particulas da grande verdade, as religiões devem ser para seus crentes um sublime poema de virtudes, de amor e da caridade. Em todas ellas ha salvação para a alma do crente. Este o principio orientador da Maçonaria. Será, pois, possivel que o Martyr do Golgotha, do alto da cruz, desse symbolo de redempção, ensinasse aos seus verdadeiros apostolos e pastores, não o que estes pregaram, mas o que pregam os padres catholicos, isto é, a fulminarem de colera e de maldições as instituições que vivem do amor fraternal, para a Humanidade, da Caridade e pela Caridade?

Não é o Christianismo a ultima expressão da fraternidade, do amor, da caridade que o meigo Nazareno, agonisante, deixou cahir de seus labios para, qual astro radiante, inundar de luz e de calor o coração da humanidade?

Será religião odiar, quando se deve amar; mentir, quando se deve a verdade; opprimir, quando se deve elevar pelo exemplo e pelo conselho? Será observar a lei de Deus lançar maldições a sociedades que, antes do catholicismo, tinham em seus codigos incluída a pratica da caridade? Será cultuar o espirito de Fraternidade, pregado por Christo, provocar lutas sangrentas entre irmãos? Será evangelico lançar-se interdictos sobre a Maçonaria que é a Caridade?

E um exemplo de que a Maçonaria é a Caridade pregada por Jesus, a caridade que dá sem ostentação, sem querer saber a quem dá si esse alguém soffre, temos nas linhas abaixo, escriptas por um Padre catholico — o Padre Odorico Malvino — quando, abandonado e repellido por seus collegas, fôra pedir agasalho em um Asylo Maçonico no Maranhão, em 1921:

“.....uma breve explicação de meu acto, visto ser bastante extranho que um padre catholico peça caridade e a peça a um instituto fundado e dirigido pela Maçonaria.

A explicação é facil e clara. Vim aqui impellido pela necessidade. Verdade é que si vós não fosseis, como sois, tão respeitadores dos principios religiosos alheios, mesmo dos que aqui entram e vivem sob a egide de vossa protecção, não teria aqui apparecido, nem ficaria, seja me permittida a declaração, um instante, apreciador como sou e sempre serei dos principios e dogmas da religião em que nasci e espero em Deus morrer.

Sim, bati á porta desta casa, porque abandonado completamente pelos que me deviam auxiliar e abandonado por malquerencia e antipathia, é-me impossivel continuar a viver no meio da sociedade com a decencia precisa de sacerdote catholico.....”

E' por isso, pela immensa tolerancia maçonica, pelo amor que temos á liberdade de consciencia e de crenças, pela instrucção do povo, que os ultramontanos, escravizadores de consciencias e de almas, nos odeiam, porque vêm em nossa acção social a clave que lhes corta as ambições do poder temporal, com todo o seu immenso sequito de interesses individuaes. Sim, no mundo inteiro, é o Vaticano o *unico*

a nos votar odio, porque é o *unico* a ambicionar o dominio da terra, o *unico* a odiar e a repellir todos os povos, que, com coragem e grandeza d'alma, libertaram-se de suas garras aduncas para palmilhar a estrada encantadora da civilisção.

Podem nos odiar; podem manter guerra contra nós, mas, pelo amor de Deus, não mintam, não falseiam nossas doutrinas e nossos intentos sociaes; sejam, em uma palavra, leaes no uso das armas de ataque e, principalmente, verdadeiros e sinceros na argumentação. Não digam idiotices e inverdades como o Bispo de Arassuahy.

TRAJANO

Rubens J. Dorne



SCENAS VERGONHOSAS

FUSILAMENTO DE UM IRMÃO

No dia 14 de Dezembro ultimo, foi fusilado, na Esplanada do Polvorin, proximo ao Campo dos Martyres da Liberdade, em Huesca, Hespanha, o nosso Ir. Capitào Fermin Gálan Rodriguez, chefe do movimento republicano que estalou em Jaca.

E' triste termos de, no seculo da Luz e da Liberdade de consciencia, assistir actos de tamanha selvageria. Arrancar a vida a um moço, só porque sonhou com a liberdade politica de sua Patria, é o mais nefando dos crimes de lesa-humanidade. A acção perversa desses góvernos, impostos pela força bruta aos póvos civilisados, prova, unicamente, a pequenez moral dos góvernos que, sentindo-se fracos nas quixotescas forças e temendo a actuação dos adversarios de suas idéas, não se sentem bem deante dos raios scintillantes da Liberdade. E como para o tyrannos, para os maus, o melhor e o mais facil meio de se verem livres dos adversarios é, com a *coragem* emprestada por canhões e baionetas, reduzil-os á mudez fria da morte, esses emulos de Néro, tiritando de medo e fugindo á luz estonteante da verdade, só encontram nos ventres tetricos dos fusis a salvação para seu dominio de reprobos. Assim, não é de espantar que na Hespanha, na patria de Cid, nesse torrão das antigas liberdades, onde, oficialmente, impera a religião catholica romana, se veja, hoje, seguida como norma, a ferocidade jesuitica do "*crê ou morre*", tão bem cultivada nos tempos de terror de Felipe VII.

Matam, abafando nas gargantas que emudecem, as grandes aspirações humanas de liberdade, igualdade e fraternidade, mas, a ferro-tear-lhes a consciencia salpicada do sangue irmão, ha de viver, sempre e em letras de fogo, a serenidade christã com que o nosso infeliz Irmão enfrentou a horda de seus algozes.

Quando condemnado á morte, Gálan, pallido mas sereno, disse aos seus companheiros que, condemnados a penas menos barbaras, deploravam o veredictum da *justiça*: "*No apureis. Hemos jugado e hemos*

perdido. Hay que pagar. Y despues de todo, lo vostro tiene remedio. Lo de este (refere-se ao Capitão Garcia Hernández, condemnado, tambem, á morte) y lo mio si que no se arregla!"

Essa phrase de tanta nobreza, cheia de candidez de uma alma de moço, cuja memoria ia ser infamada por sentença ignobil, ha de fazer tremer aos juizes que, levados, unicamente, pelo odio ou por interesse de viverem em paz com o despotismo, não mediram as consequencias da execução de uma sentença de que não haverá appellação e muito menos reparação, quando, mais tarde, e talvez em dia muito proximo a nobre repulsa da nação, que é a justiça dos povos, apontar, com escarneo, ao mundo, essa época de odientas vinganças e, apontando o caminho do exilio aos tyrannos, incluir no patheon dos heróes patrios as victimas imbelles de hoje.

Gálan, o nosso Ir.º. Aprendiz, fumando, recusa que o vedem, emquanto, á pequena distancia se alinha o pelotão cujas armas vomitariam, sobre o nobre peito do moço, as balas assassinas. Gálan levanta um braço e uma descarga mortifera quebra o silencio tetrico da madrugada. Tomba, mas, em seus labios, emmudecidos já, paira um sorriso, sorriso de orgulho, talvez, ou, quem sabe, de escarneo a seus tyrannos. Seu corpo envolto em cobertores, unico sudario que lhe dão, é, ás pressas, levado para cemiterio local.

Conhecendo a cumplicidade do Estado e do jesuitismo, a unica supplica, si é que supplica se póde chamar uma vehemente repulsa, dirigida ao iniquo tribunal, foi a de que "*no perturbe mis ultimos minutos ningun sacerdote y que se me entierre civilmente*".

O povo, mesmo em Madrid, não deixa de exaltar a figura sympathica deste heróe, vivandolhe a memoria, embora a policia hespanhola trancafie, nas grades escuras dos calabouços, os que não têm medo de dar expansões aos seus sentimentos nobres e pedem, com o coração nas mãos, "*dos minutos de silencio por los fusilados de Jaca*".

Que ao Or.º. Eterno onde repousa, hoje, tão valoroso Ir.º., cheguem as nossas baterias de luto como preito de homenagem á sua memoria e como vehemente protesto contra tão mesquinhas e crueis atrocidades. — *TRAJANO*.

Os Mystérios Antigos

e a Maçonaria Moderna

(Continuação)

Como já vimos, o baptisado ou o unguído recebia o nome de Moysés, que quer dizer regenerado ou nascido pela segunda vez. Recorde-se que os egypcios chamaram Moysés ao legislador dos hebreus, que foi salvo das aguas, isto é, iniciado. Nos feitos dos Apostolos, se diz que Moysés aprendeu toda a sua sabedoria dos gregos, e, si é verdade, não ha duvida que estes deveriam tel-o iniciado. O grande Mystério do Egypto consistia nesse segundo nascimento ou nascimento de Horus. W. Marsham Adams assegura que “não ha doutrina que tão frequentemente se mencione nas obras egypcias como a do Nascimento divino” (*The Egyptian Doctrine of Light, Adams, pag. 89*).

O candidato era iniciado no Papyro sagrado, chamado “O Livro dos Mystérios Supremos”, collocando-se-lhe, depois do transito do sol, a corôa da Illuminação na cabeça. E o nascido pela segunda vez atravessa os scenarios de sua anterior fragilidade investido de poder e corôado de luz para discernir, por meio de sua percepção illuminada, como é Osiris, aquillo que equilibra a balança d’Aquelle que governa os Céus, para exercitar sua vontade creadora em sua celeste liberdade, como dono e não como escravo dos sentidos, e para regosijar-se dos anteriores soffrimentos que o conduzirão á Illuminação” (Idem, pagina 185).

Hermes falla, n’“O Sermão Secreto da Montanha”, sobre o Mystério do Novo Nascimento, ao qual poderíamos denominar “A Iniciação de Tat”. Esse Sermão é um dialogo entre Hermes e Tat, seu discipulo. Tat lhe diz: “Oh, Pae (1) nos sermões geraes te explicaste de modo incompreensivel quando conversavas sobre a Divindade; e, quando disseste que ninguem se póde salvar antes do Renascimento, não explicaste o que querias significar com isso. Demais, quando, subindo

(1) A palavra Pae é um termo tecnico que significa Mestre ou Instructor.

pela Montanha, de ti me acerquei e, ancioso de ouvir o Sermão (Logos) sobre o renascimento (porque isso é o que menos entendo de todas as cousas), tu me disseste que m'o dirias quando o mundo não mais fosse a minha patria. Por isso, tudo fiz para que o mundo da illusão seja, para mim, extranho”.

G. R. S. Mead, commentando este discurso em sua obra *Hermes Trimegisto*, diz: “Chegou o momento em que o Mestre despertaria em Tat a Consciencia da Verdadeira Mente, o Christo que vae nascer em seu coração, a luz do Pleroma (1) que ha de brilhar no mais intimo de seu ser. Vae realizar-se um novo nascimento, uma regeneração ou Renascimento, o que quer dizer que Tat hade nascer de cima, do alto” (*Thrice Great est Hermes, Mead, vol. II, pag. 239*).

Tat está em condições de renascer porque passára pelas tres etapas probatorias e se preparára “escalando a Montanha”. A Phrase “no Monte” ou “Ascensão da Montanha” symbolisa os grãos da iniciação e se encontra, repetidas vezes, nas obras dos gnosticos christãos e nos Evangelhos apogryphos, significando, sempre, “o Monte da Iniciação”, monte que, nas crenças populares, recebe o nome de “Monte Galiléa”. Entretanto, a verdadeira Montanha não significava uma elevação do terreno, mas “elevada contemplação, estado interno de consciencia espiritual”. Tat havia escalado a Montanha e estava já em condições de tornar a nascer, de chegar ao mysterio supremo do caminho espiritual, existente em todas as escolas de todos os tempos.

“O secreto, que Tat desejava conhecer, é o Mysterio do nascimento no Seio da Virgem, que é o nascimento do Homem ou Grande Mysterio da Regeneração” (*Idem, pag. 240*). Tat supplica a Hermes que lhe explique de que modo póde renascer. Como porém, Hermes não póde expôr essas cousas por palavras, desde que cada um deve perceber-as por si mesmo, lhe disse: “Filho meu, nunca se ensinou a esta Raça”. *A esta Raça* é a que se refere Filo quando falla da “Raça de devotos aos quaes se ensina a verem cada vez mais, deixando-se-lhes que procurem, por si mesmos, a Iniciação d’Aquelle que é, para que compreendam o sol que se percebe com os olhos (contemplem a Luz que está acima d’Elle, o Verdadeiro Sól ou Logos) e jamais abandonem o caminho que conduz á Perfeita Beatitude. Os que se dedicam ao Serviço de Deus não o fazem por habito ou porque se lhes haja acon-

(1) Deus real, o Deus vivo dos Gnosticos.

selhado, mas, sim, por se sentirem arrebatados pelo Amor celeste, como os iniciados nos mysterios bacchicos, coribanticos, e porque estão inflammados em Deus até que contemplem o objecto de seu amor”. Filo disse, tambem, que “agora bem, esta classe (raça) de homens se encontra em muitas partes do mundo habitado, porque tanto os gregos como os que não o são devem participar do Bem perfeito”. (*Philo on the Contemplative Life*) A Raça a que se refere Hermes era, portanto, a Raça dos Iniciados, a mesma “Raça de Elxai” de que falla Epiphanio. Os que logravam alcançar este estado aprendiam o Mysterio do Renascimento.

Embora Hermes não pudesse, por meio de palavras, ensinar ao neophyto em que consiste este estado espiritual, contudo pode guial-o para que realçasse a Visão Beatifica, collocando-se elle proprio no estado sublime de consciencia que banha, por assim dizer, a Tat, ou baptisando-se na presença espiritual do Mestre ou Calix da Mente. Nisso consiste, realmente, a verdadeira imposição das mãos. Hermes descreve a mutação que, ao adquirir a consciencia espiritual suprema, experimenta em si mesmo, dizendo: “Sempre que contemplo, dentro de mim, a Clara Visão... passei, atravez de mim mesmo, a um Corpo immortal e já não sou o que dantes era, pois nasci na Mente”. O Mestre concentra sua consciencia na parte superior de sua natureza espiritual, transferindo-a para um vehiculo espiritual. “A maneira de assim proceder não se póde ensinar nem tão pouco ver-se com o elemento composto de que te serves para olhar”, isto é, não se póde compreender por meio de experiencias perceptíveis e nenhum olhar physico póde descobrir este Mysterio. “Filho meu, diz Hermes, tu me vês com os olhos, mas não comprehendes o que eu sou”. Tat podia contemplar a forma physica do Mestre, não, porém, a sua alma liberta do corpo, mysterio este que só podia compreender quem houvesse alcançado um estado superior de consciencia.

Os sentidos espirituaes de Tat nascem com o auxilio do Mestre, e Tat exclama: “Oh, Mestre! me submergeste em um louco phrenesi, porque, agora, eu não posso vêr a mim mesmo!” Tat perde contacto com o plano physico de consciencia; isto, porém, não basta porque Hermes lhe diz: “Filho meu, eu desejaria que houvesse passado, atravez de ti proprio, ao Corpo que não póde morrer”, ou seja, ao vehiculo superior. Este é o mysterio que Hermes não podia explicar por palavras. (*O Sermão Secreto da Montanha*).

Isis não pôde revelar a Horus o secreto do Renascimento e, por isso, lhe diz: “Não posso revelar-te este nascimento, porque não me é permittido declarar a origem de tua descida, oh! Horus, filho poderoso, por temor de que, depois os homens conheçam o Caminho do Nascimento seguido pelos Deuses immortaes” (*Citado em Thrice Great est Hermes, vol. II, pag. 242*). Segundo a tradição, em uma parte dos Mystérios de Isis, se outorgava esta consciencia superior. Deodoro assegura que “foi Isis quem descobriu o Filtro da immortalidade, com o qual pode resuscitar e immortalisar a Horus a quem havia encontrado, na agua, morto pelas mãos dos Titães”. A Iniciação outorgava ou fazia recordar á alma a consciencia da immortalidade que, na realidade, era um novo nascimento, uma troca interna. O que renascia na Gnosis passava, desde logo, do estado de homem ao de super-homem, pois o fundamental, nella, é que o homem ultrapasse seus limites actuaes e chegue a ter consciencia de sua divindade. Os que alcançavam o estado de Hermes ou de Horus deveriam guardar o segredo de seus poderes e não jactar-se de sua Gnosis.

O mesmo ensinamento existe nos Mystérios christãos, pois Jesus disse: “Aquelle que não nascer outra vez não pôde vêr o reino de Deus”. (*João III, 3*) E Pedro acrescenta: “Tendo purificado vossas almas na obediencia da verdade... sendo renascidos, não de sementes corruptiveis, mas de incorruptiveis, pela palavra de Deus que vive e permanece para sempre.” (*I, Pedro 1, 22-33*).

Este nascimento é um nascimento de “agua e de Espirito”. Nos Mystérios de Jesus, como em todos os demais, o baptismo era o primeiro rito iniciatico. Poderíamos escolher nas obras gnosticas numerosas citações em apoio dessa doutrina fundamental da igreja primitiva. O compilador do Documento Naazeno disse que os Mystérios Menores pertencem ás gerações da carne, enquanto que os Maiores se relacionam com o novo nascimento, com a regeneração e não com a genesis. E, ao tratar dos mysterios da Regeneração, disse o autor: “Pois esta é a Porta do céu, esta é a Casa de Deus, onde mora o Bom Deus a sós, na qual (casa) nenhum impuro (nenhum homem physico ou carnal), entrará, porque está reservada, unicamente, ao espirital. Nesta casa, devem os homens deixar suas vestes e converterem-se todos em noivos que obtenham sua verdadeira virilidade por meio do Espirito Virginal. Porque este Espirito é a Virgem que leva o Menino no seio, que concebe e dá á luz um filho que não é de carne nem physico, mas um

bendido Eon de Eones”, ou seja, um Deus immortal. Nisso consiste o nascimento de Christo ou de Horus no homem, o Grande Mystério que nos está reservado para quando não nos attraia a illusão do mundo, como affirma Hermes e disse Jesus em uma de suas phrases recentemente descoberta: “Si vós outros não vos abstiverdes do mundo, não encontrareis nunca o Reino de Deus”, palavras que são de summa importancia porque demonstram que os ensinamentos do Christianismo eram identicos ás doutrinas dos demais Mystérios. O copista christão, que conservou esta phrase, data de meados do segundo seculo.

No ritual iniciatico dos Mystérios, que se relatam em “Os feitos de João”, se diz o seguinte: “Quando eu partir, saberás quem eu sou (quer dizer, por contraste). Eu não sou o que se vê em mim, mas quando vieres, saberás o que sou” Quer dizer que este estado espiritual deve realisar-se si se quizer conhecer, e que, unicamente, os que chegaram ao estado de Christo ou Perfeito Iniciado pôdem conhecê-lo. Recordem-se das palavras de Hermes: “Filho meu, tu me vês com os olhos, mas não comprehendes o que eu sou”, porque esta consciencia transcende ao estado normal do homem.

Embora este novo nascimento significasse, em principio, a primeira grande Iniciação, na qual o neophyto entrava vestido de branco na “Communhão dos Santos”, pode-se, tambem, applicar esta phrase mystica a outras etapas da alma para indicar a entrada na nova vida. O Iniciado nasce em cada novo estado de consciencia, á guisa de um menino no mundo physico. Difficil é fazer-se uma idéa desses estados superiores de consciencia. Basta, entretanto, saber que, em cada um delles, o candidato entrava em um novo mundo a que se devia adaptar. Cada rito symbolisava algo da consciencia espiritual adquirida pelo novo discipulo. “O principio christico ou Sabedoria intuitiva nasce na alma e, quando se desperta essa consciencia buddhica (espiritual), a alma vem a ser como um menino nascido na vida superior do Iniciado, que, na realidade é o “Reino de Deus” (*Credo Christão. Leadbeater*). O Filho recém-nascido, o “menino pequenino”, termo technico com que se designa aos recém-nascidos, tem de, logo, viver a vida divina e tornar-se “semelhante ao Pae, isto é, passar de Filho a Ser Perfeito”.

O nascimento espiritual ou segundo nascimento é, portanto, um facto mystico. A materialização desta verdade interna no dogma vulgar do “Nascimento Virgem” deve se ter verificado muito tempo depois, visto este dogma não ser encontrado nos documentos correntes e que,

segundo as tradições primitivas, José foi o Pae natural de Jesus. Celso censurava os christãos por variarem os relatos de seu evangelho para melhor responderem aos seus rivaes.

Estudemos, agora, as differentes etapas evolutivas do principio christico no homem. Para comprehender perfeitamente esta evolução superior, que constitua a obra fundamental dos Verdadeiros Mystérios, devemos, antes de tudo, formar uma idéa exacta da constituição humana.

Embora nos divaguemos quando queremos expôr a terminologia christã, por estarmos mais familiarizados com ella, os factos que vamos descrever pertencem a todos os systemas.

A theologia christã aceita a divisão triplice do homem em espirito alma e corpo, no que anda acertada, mas para melhor se comprehender o mysterio da vida do Menino Divino, especialmente sua crucificação, resurreição e ascensão, é necessario subdividir-se, ainda mais a constituição humana. O espirito é, em si, uma trindade que contem os tres aspectos da vida divina: Intelligencia, Amor e Vontade; a alma é dupla, se compõe de natureza mental e emocional; o corpo é o instrumento material da alma e do espirito e é, tambem, duo, pois que o formam um corpo denso ou physico e seu duplo ethereo. Estes principios inferiores — o corpo physico duo, o dos desejos ou emocional e o Mental — constituem o corpo natural a que se refere S. Paulo quando diz: "Ha um corpo natural e um corpo espiritual". O Corpo espiritual é formado pelos tres principios superiores, denominando-se o primeiro ou mais inferior, Corpo Causal; o segundo, corpo resuscitado, glorificado ou beatificado, e o terceiro corpo atómico.

Estes principios ou corpos são correlativos aos cinco planos inferiores dos sete que constituem o universo. A evolução normal da humanidade se verifica nos tres planos inferiores, enquanto que a supernormal ou do iniciado se realisa nos dois planos seguintes, que são os espirituaes. Estes cinco planos constituem o campo evolutivo da consciencia até que "o humano seja absorvido pelo divino".

Si se guardar na memoria esta constituição do homem e os planos a que corresponde, poder-se-á estudar, sem difficuldade alguma, o mysterio da evolução de Christo, mencionado na historia do Christo Mystico, o qual é um aspecto do Christo dos Mystérios. O Christo mystico se refere á evolução do Amor ou segundo aspecto, evolução do espirito divino do homem, ao qual se chama Christo. Ha outro

aspecto universal do Christo Mystico: o Logos, segundo aspecto ou Pessoa da Trindade, que desce á materia.

O desenvolvimento da primeira divisão do corpo espiritual, isto é, do aspecto da intelligencia, se verifica na vida ordinaria. Quando esse desenvolvimento se tem realisado e se consegue, tambem, uma certa evolução do moral, o homem se encontra em condições de desenvolver o segundo aspecto do espirito, isto é, o Christo ou Amor.

Estudemos o primeiro aspecto do Christo Mystico relacionado com a evolução do principio christico no espirito humano. O Christo Mystico é o “Christo que está em cada um de nós, que nasce, vive, é crucificado, resuscita dentre os mortos e ascende ao céu em todo Filho de Homem que soffre e triumphá”. Tal é, em synthese, a vida mystica de todo iniciado.

Já vimos que o Christo nasce no discipulo quando este alcança a primeira iniciação, verificando-se, então, o segundo nascimento a que, anteriormente, nos referimos. O candidato nasce no Reino de Deus como um menino, nome com que se denominava aos recém-iniciados. Jesus já dissera que os homens não entram no Reino si não se converterem em meninos pequeninos.

O recém-iniciado se encontra rodeado de perigos. Os poderes das trevas tentam aniquilal-o, mas o menino Christo não póde ser destruido, uma vez nascido, e cresce em sabedoria e espiritualidade até chegar o momento de sua segunda iniciação, symbolisada pelo “Baptismo com agua e espirito”, que lhe confere os poderes necessarios para converter-se em Mestre. Depois, desce a trabalhar no mundo e o Espirito o leva ao deserto, onde se expõe a severas tentações. As forças do mal tratam de desvial-o de seus propositos, incitando-o a que se utilise de seus poderes para fins mundanos; triumphante, porém, dessas tentações, não emprega seus poderes em proveito proprio, mas, sim, para salvar o mundo. Esta dedicação ao serviço o conduz á terceira grande iniciação, symbolisada pela Transfiguração. O iniciado ascende, uma vez mais, “a sós pela montanha” ou monte sagrado da iniciação; não póde, porém, permanecer alli por muito tempo, porque volve os olhos para Jerusalém onde ha de encontrar o baptismo do Espirito Santo e do Fogo, prova ultima ou etapa final do “Caminho da Cruz”.

(Continu'a)

NOMINATA

*Dos SSob.: GGr.: Insp.: GGer.: Membros Effectivos
do Sob.: Sup.: Cons.: para o Brasil, com as
respectivas antiguidades*

1 — Dr. Mario Behring	1907
2 — Antonio Joaquim Rebello	1909
3 — Capitão João Marinho da Cruz	1910
4 — Dr. Manoel Gonçalves Pecego	1912
5 — Capitão Antonio Maria Senand Belém	1914
6 — Almirante Verissimo José da Costa	1914
7 — Manoel Francisco Gomes	1914
8 — Dr. Amaro Arthur de Albuquerque	1921
9 — Dr. Bernardino de Almeida Senna Campos	1922
10 — Gen. Dr. Joaquim Moreira Sampaio	1923
11 — Dr. Carlos Reis (S. Paulo)	1926
12 — Dr. Gaspar Antonio Vieira Guimarães (Amazonas)	1926
13 — Dr. Mario Carneiro do Rego Mello (Pernambuco)	1926
14 — Coronel Apollinario Pinheiro Moreira (Pará)	1927
15 — Dr. José Mattoso Maia Forte	1927
16 — Dr. Carlos de Castro Pacheco	1928
17 — Dr. Hugo Martins Ferreira	1928
18 — Comt. Esculapio Cesar de Paiva	1928
19 — Almirante Arthur Thompson	1928
20 — Dr. Alvaro de Figueiredo	1929
21 — Augusto Simões (Parahyba)	1929
22 a 33 — Vagos.	

Membros do Sacro Collegio 1927 - 1932

Sob.: Gr.: Comm.	Dr. Mario Behring
Lug.: Ten.: Comm.	Dr. Bernardino de A. Senna Campos
Gr.: Secr.: do S.: I.	Dr. Amaro Arthur de Albuquerque
Gr.: Chanc.	Comt. Esculapio Cesar de Paiva
Gr.: Thes.: do S.: I.	Gen. Dr. Joaquim Moreira Sampaio
Gr.: Min.: de Estado	Capitão João Marinho da Cruz
Gr.: Min.: das RR.: EExt.	Alm. Verissimo José da Costa
Gr.: Hosp.	
Gr.: Mest.: de CCer.	Dr. Manoel Gonçalves Pecego
Gr.: Port.: Est.	Manoel Francisco Gomes
Gr.: Port.: Esp.	Antonio Maria Senand Belém
Gr.: Cap.: das GG.	Dr. Alvaro de Figueiredo
Gr.: Secr.: Adj.	Dr. Hugo Martins Ferreira
Gr.: Thes.: Adj.	Dr. Carlos de Castro Pacheco
Gr.: Mestr.: CCer.: Adj.	Antonio Joaquim Rebello

Membros Emeritos

Alberto Gracie	1926
Nicolau Alotti	1930
Antonio Olavo de Lima Rodrigues	1930

Membros Emeritos de Honra

Dr. Alejandro Sorondo—Ex-Sob.: Gr.: Comm. . . da Rep. Argentina.
John H. Cowles—Sob.: Gr.: Comm. . . da Jur.: Sul dos E. U. A.
Armand Anspach-Puissant—Sob.: Gr.: Comm. . . para a Belgica.

ATAMMOM